



Criminalidade Violenta em Moçambique: Caso de rapto, morte e extração de órgãos humanos de albinos em Nampula (2013-2016)

Jose Joaquim Franze¹

Resumo

O presente trabalho faz uma análise do impacto social da problemática situação de rapto, morte e extração ilegal de órgãos humanos de albinos² na província de Nampula-Moçambique. Igualmente analisa de forma comparativa a prática deste fenômeno social com outros países do mundo em particular, Brasil, com intuito único de contribuir com ações concretas visando erradicar esta problemática social, que sob ponto de vista social traz consigo imensuráveis consequências na vida desta camada social. **Palavras-chave.** Crescimento urbano. Raptos. Albino. Extração de órgãos humanos. Criminalidade.

INTRODUÇÃO

A província de Nampula localiza-se no norte de Moçambique e tem uma área de 79010km², com uma população estimada em 3985613 habitantes, conforme o Censo de 2007. Para além deste, tem sido notória a presença significativa de pessoas provenientes de outros países da região, designadamente, Tanzânia, Malawi, Zambia, Senegal e Nigéria. Este processo ocupacional dos espaços urbanos aliado ao desemprego, tem sido acompanhado, por novos fenômenos criminais violentos, nomeadamente: rapto, morte e extração de órgãos humanos de albinos. Este fenômeno criminal já está tornando apreensivo aos poderes governativos e a sociedade civil, sugerindo debates envolvendo acadêmicos, sociedade civil e políticos, com intuito de procurar melhores formas para minimizar o problema.

Este aumento populacional, como se nota, não se faz acompanhar pelo acréscimo de postos de trabalho e, como consequência, origina um aumento exagerado de comerciantes na sua maioria informais, que se juntam aos demais de nacionalidade estrangeira e um número maior de desempregados.

¹ -Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná

² -São indivíduos com problemas de pigmentação da pele ou seja, indivíduo com problemas de produção pelo organismo de melanina e caracteriza-se pela ausência parcial ou total da pigmentação dos olhos, pele e cabelos. Em moçambique é frequente ver indivíduos albinos com ausência da pigmentação em todo o corpo.



Na mesma acepção, se registra igualmente a caça incessante de albinos com intuito de lhes retirarem a vida, subtraindo deles cabelos, dedos, ossos, cabeça e órgãos genitais supostamente para fins obscuros. Vezes há em que violam túmulos cujos finados são albinos para retirarem as ossadas. A seguir o exemplo elucidativo desta situação:

Em 2014, Lídia Pedro foi raptada na sua casa, no posto administrativo de Muralelo, distrito de Malema, pela calada da noite. A vítima foi levada até a uma mata, perto de um cemitério, onde viria a ser assassinada. Os malfeiteiros extraíram algumas partes do corpo da malograda desde tripas, seios, dentes, cabelo, entre outras. Os assassinos aproveitaram-se da ausência do marido de Lídia para raptá-la. (Maurício Carlitos Pedro, irmão da vítima)³

METODOLOGIA

Para a coleta de dados recorreu-se a revisão bibliográfica e análise documental (jornais de maior circulação no país, relatórios policiais e da Comissão Nacional dos Direitos Humanos).

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE EXTRAÇÃO DE ÓRGÃOS HUMANOS EM MOÇAMBIQUE E NO BRASIL

O avanço da medicina convencional no que tange ao transplante de órgãos humanos nos dias de hoje, torna este fenômeno social recorrentemente praticável a pessoas vivas em muitos países do mundo embora de forma ilegal, devido à crescente demanda pelos órgãos humanos, por parte dos pacientes que por vários tempos a fio esperam inesperadamente por este bem vital de indivíduos mortos. Segundo Scheper-Huges (apud GAUER et al, 2008) estas práticas são inteiramente protegidas não simplesmente pela sua invisibilidade e a pobreza dos doadores destes órgãos. Conforme autores, o tráfico de órgãos humanos constitui a terceira atividade ilícita mais rentável do mundo, movimentando biliões e biliões de dólares norte-americanos por ano. Neste caso, ele rende aos seus praticantes aproximadamente 7 a 13 biliões de dólares a cada ano no mundo, seguindo o tráfico de armas e de drogas (p.22). Conforme Scheper-Huges (2000 apud MARIAMO et al, 2016), a Índia continua constituindo o local privilegiado para a transação comercial local e internacional de rins de forma ilegal e são comprados a doadores vivos. Segundo autores, variadíssimos pacientes deslocam-se junto a locais onde órgãos humanos são obtidos através de compra e venda. Neste caso, a África do Sul tem sido considerada como país de “turismo de

³<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35-themadefundo/55380-albinos-vivem-em-panico-em-nampula-curandeiros-pagam-mais-de-25-milhoes-de-metricais-pelos-orgaos-deles>. Acessado em 07.04.2017



transplantes". As fontes revelam ainda que residentes das favelas do Recife, no Brasil, são recrutados para viajar até Durban, na África do Sul, onde são submetidas várias cirurgias para a extração de um rim a ser transplantado em pacientes vindos de Israel em troca de valores monetários. Os mesmos estudos apontam que as pessoas vendem seus rins por causa da pobreza, vezes sem conta que essa prática compromete a sua vida no decorrer do tempo.

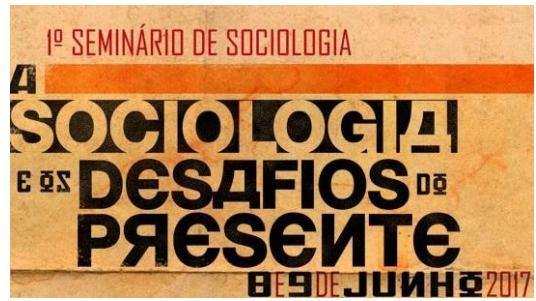
Conforme Monteiro & Osorio (2009), O tráfico constitui uma forma de poder na qual se usa vulnerabilidade de indivíduos como única alternativa para convence-los, no sentido de saírem da sua situação precária e em troca recebem dinheiro ou outros benefícios, como oferta de cesta básica durante um período de tempo ou mesmo emprego, obtendo desta feita a anuência das suas vítimas. Os traficantes fazem de tudo para que as suas vítimas estejam sob sua dependência total, mantendo tudo em sigilo. Este processo comercial de venda de órgãos humanos, tem um caráter extremamente sofisticado e ramificado, caracterizado pela invisibilidade das chefias e por um secretismo bastante estruturado, tudo isso para dificultar o processo investigativo em caso de suspeita policial. Os seus praticantes, pela sua periculosidade dificultam a denúncia dos terceiros, temendo por morte seletiva. Também são indivíduos que detém o poder econômico e de influência capaz de amolecer o poder da polícia ou das instituições judiciais. (UNESCO, 2006).

Segundo o jornal verdade (2015), os curandeiros⁴ são os promotores destas práticas macabras e pagam cerca de 2,5 milhões de meticais equivalente a 142.857,14 Reais pelos órgãos humanos de albinos. A fonte acrescenta que curandeiros africanos chegam a pagar 75 mil dólares norte-americanos por órgão de um albino.

Diferentemente da China, Brasil e Turquia, em África em geral e Moçambique em particular, a extração de órgãos humanos não tem tido finalidades cirúrgicas, mas sim destina-se à prática de "rituais de feitiçaria ou magia negra". Segundo a crença destes países, os órgãos genitais são vendidos aos médicos tradicionais para uso em cerimônias de natureza supersticiosa. Segundo, Ashforth (2008 apud MARIAMO, et al, 2016), estes órgãos humanos são usados por pessoas detentoras de um saber mágico para tratamento de problemas de índole espiritual, que envolve a purificação, fortalecimento ou prevenção de pessoas de forças malignas, ou podem servir de inibidores de ações da feitiçaria⁵, trazendo má sorte,

⁴ Nome do médico tradicional em Moçambique

⁵ Termo que significa bruxaria no Brasil



doença e morte a outros, ou ainda, enriquecimento ilícito, e ao mesmo tempo fortalece o poder do feiticeiro. Os órgãos humanos dos albinos, pela crença satânica, são igualmente usados para fins mágicos de negócios, progressão na carreira profissional, sucessos na vida política ou proteção do poder político. Ainda outros tem a crença de que os órgãos de bebés e jovens albinos são usados para fins mágicos relacionados com a fertilidade, êxito nos negócios e sorte no amor. Para eles, as mãos simbolizam a posse e os genitais a fertilidade consubstanciando na visão de Comaroff (1999).

Considerações finais

Os albinos são seres humanos que merecem ver a sua dignidade física e psicológica respeitadas como qualquer outra pessoa., sendo assim as leis contra essas práticas devem ser rígidas e aplicadas de forma imparcial por forma a desencorajar os seus praticantes. Também não constitui verdade que os órgãos humanos de albinos promovem riqueza.

A luta pela extração de órgãos humanos de albinos em África, é uma realidade inegável, pois este fenômeno está tornando preocupação a toda camada social, demandando pela busca urgente de soluções desta patologia social.

Pela forma e pelas partes do corpo recorrentemente extraídas de indivíduos em África, remete-nos a conclusão de que o fim não é transplante, mas sim fins de magia negra. A deficiente formação de entidades que zelam pelo controle social formal (polícia e tribunais) está na origem da perpetuação desta patologia social, uma vez que vezes sem conta os seus executantes beneficiam-se de uma autêntica impunidade pelo baixo saber dessas entidades no tratamento do assunto, por um lado. Por outro lado, por serem indivíduos indigitados por pessoas abastadas, com capacidades de amolecer qualquer reação da justiça por meio de favores monetários.

Referências Bibliográficas

COMAROFF, J. **Occult Economies and the Violence of Abstraction: Notes from the South African Postcolony**, *American Ethnologist*, 1999

DIAS, J. Figueiredo et al. **Criminologia, o homem delinquente e a sociedade criminógena**. Portugal: Coimbra editora, 1997

Direção Nacional do planeamento territorial de Moçambique (2012).
<http://www.visitmozambique.net/pt/Provincias/Nampula/Mapa> acessado em 27.04.2017



Instituto Nacional de Estatística. Projecções anuais da população total, urbana e rural, dos distritos da província de Nampula (2007-2040). Editora do INE. Maputo, 2012

Jornal Verdade. Jovem albina é amputado o membro superior.
<https://noticias.mmo.co.mz/2017/02/nampula-albinos-ainda-vivem-com-medo.html#ixzz4c54PqfsD>. Acessado em 27.04.2017

Jornal Verdade. Albinos são vendidos por até R\$ 160 mil para rituais de magia na Tanzânia, 2016: <https://noticias.mmo.co.mz/2017/02/nampula-albinos-ainda-vivem-com-medo.html#ixzz4c54PqfsD>. Acessado em 27.04.2017

MARIAMO, E; et al. Estudo Sobre o Trafico de órgãos e partes do corpo humano na região sul de Mocambique, 2016

MONTEIRO, C.; Osório, C. Tráfico de Mulheres e crianças. Maputo: WLSA Moçambique, 2009

PARK, Robert E. Human Ecology. In: **American Journal of Sociology**, vol. 42, 1970

UNESCO. Trafico de pessoas em Mocambique. Causas principais e Recomendacoes. Policy Paper nr 14.1 (P), 2006